

A sedução pelo prazer de tocar e dançar

No próximo sábado, com seu jazz de altíssima vibração, o grupo Irakere vai brilhar no Flaac

Antonio Beluco Marra

Colaborador

Se o Flaac procurava algum conjunto musical que pudesse ter significado para a integração latino-americana, acertou em cheio: além de ser um grupo muito importante do ponto de vista musical, o cubano Irakere foi criado há mais de 17 anos, com um número expressivo de discos gravados em Cuba, no Japão e nos Estados Unidos e só agora temos a chance de conhecê-lo sem que um só disco do conjunto fosse lançado no Brasil em todos esses anos. Não é essa a imagem mais expressiva, e, sobretudo, a mais lamentável, do desconhecimento de nossos próprios vizinhos?

Numa entrevista a "Down Beat" em janeiro de 1984, Tito Puente dizia: "Há agora uma nova banda de Cuba chamada Irakere e ela toca muito moderno. Algumas vezes soa como Weather Report, outras como uma banda de jazz. Todos são músicos cubanos que conhecem suas raízes. Mas eu não poderia chamar o que eles tocam de música típica cubana".

Reparem nesse texto, no que ele contém de perplexidade, de hesitação, de imprecisão: um músico como Tito Puente, maestro, compositor, arranjador, grande timbaleiro, especialista dos ritmos latinos — e mesmo considerado pela revista "o rei da salsa", tem dificuldade para definir a música de Irakere. Essa dificuldade é certamente um bom sinal, indica uma novidade, mostra uma ruptura, uma transgressão da linguagem tradicional, do que é facilmente nomeável: uma banda que soa moderno, às vezes como fusão, outras vezes como jazz; que parece típica mas não é, enfim, não pode ser reconhecida no terreno das designações comuns ao mundo da música tradicional.

Na verdade, Irakere retoma o fio de uma revolução na música popular cubana que começa já nos anos 30 e que ficou conhecida como a "cubanização das orquestras de jazz". Cuba tem jazz desde os anos 20 (o primeiro conjunto, ainda nos moldes norte-americanos é de 1926) e a linguagem jazística sempre fez parte da bagagem da grande maioria dos músicos do país. No final dos anos 30, Cuba já possui conjuntos musicais que tocam jazz, formados inteiramente por cubanos. E por esse tempo, aparece uma importante geração de jazzistas cubanos que passa a manter um intercâmbio freqüente com músicos dos Estados Unidos e de outros países. Raízes negras comuns, claro, mas sobretudo, uma imensa riqueza, por parte dos cubanos, de ritmos e de instrumentos de percussão que despertam o interesse fora do país e impulsiona, internamente, desde os primeiros tempos, o florescimento de uma cultura musical própria, original e encantadoramente sedutora — ligada ao prazer de tocar, de dançar e também, de rezar: os ritmos cubanos estão estreitamente conectados com a rica cultura religiosa de origem yoruba.

No final dos anos 30, já existe no país uma dezena de boas orquestras e elas começam a soar diferentemente das bandas de jazz. O jazz está lá, mas há harmonias novas e a melodia e o ritmo deixam perceber que um novo som está nascendo em Cuba. A nova floração de músicos cubanos logo estará amadurecida para marcar, de modo permanente, tudo o que será feito nos grandes centros musicais do mundo industrializado. E o novo som que eles começam a produzir será conhecido como **latin-music**, ou **afro-cuban music**, ou simplesmente como a grande música cubana.

Não existem disponíveis atualmente no Brasil muitos discos dessa época. Com sorte, nos sebos, podemos encontrar alguma coisa desses músicos excepcionais, via indústria fonográfica norte-americana. De Chano Pozzo, o primeiro grande nome conhecido e que entrou na orquestra de Gillespie em 1947 como baterista, não há nada. Mas ou-



tros percussionistas de talento podem ser ouvidos. Cândido está em "Summit Meeting at Birdland", de Charlie Parker (CBS, 1977); Sabu Martinez em "Dizzy Gillespie, o debochado gênio do trompete" (Abril Cultural, 1980) e em "J.J. Johnson, The Eminent" (Blue Note, Col. Jazz Classics Twins, 1977); Machito e sua banda estão em "Dizzy Gillespie y Machito - Afro-Cuban jazz moods" (Pablo, 1979) disco que tem ainda outras duas estrelas da música cubana, Mário Baúza e Chico O'Farrill. Mongo Santamaria toca com Dizzy em "Mongo e Dizzy ao vivo" (Pablo, 1980). Finalmente, há Dizzy Gillespie em "One Night in Washington", com "Afro Suite" (originalmente "Manteca Suite") composta com Chico O'Farrill e há também "Tin Tin Deo", de Chano Pozzo (Electra Musiciar 1983).

Nos anos 50, prossegue a colaboração com os músicos norte-americanos: Cuba é o centro de um intercâmbio que contribui para divulgar cada vez mais influente a música cubana. Mas os anos 50, depois da revolução, há um fecha-

mento de fronteiras: Cuba sofre um injustificado bloqueio por parte dos Estados Unidos e até mesmo uma invasão na Baía dos Porcos, que todo o mundo civilizado condenou. Os músicos cubanos deverão esperar até os anos 70 para experimentar um novo reconhecimento mundial pelo que estavam produzindo. E a ocasião veio com o importante acontecimento em 1979 que foi "Havana Jam", com uma nova invasão norte-americana, desta vez pelos músicos da importante gravadora CBS. Grandes músicos norte-americanos contemporâneos, um país intensamente musical. E a vanguarda dessa música se chama Irakere.

O Irakere foi fundado em 1973 por alguns músicos que pertenciam a uma banda criada em 1969 por um importante músico cubano desconhecido fora das fronteiras de seu país, Armando Romeu, um saxofonista em atividade desde os anos 30. Na banda de Romeu estavam o guitarrista Carlos Emilio Morales, o saxofonista — prodígio Paquito de Rivera, o trompetista Jorge

Varona, o percussionista Oscar Valdés e um músico completo, compositor, arranjador e excelente pianista, Jesus "Chucho" Valdez. Eles formam o núcleo inicial de Irakere, a que serão acrescentados dois outros músicos importantes, o trompetista Arturo Sandoval, hoje mundialmente conhecido, e o batedor Plá. O conjunto já tinha aparecido com sucesso em festivais nos países do Leste mas foi o seu primeiro disco para a CBS que provocou um impacto duradouro nos principais centros musicais, e de divulgação, do mundo. Gravado ao vivo no Festival de Newport e no Festival de Montreux, na Suíça, em Nova Iorque, Irakere é ainda o disco mais inspirado da banda comandada por Chucho Valdés, um pianista com influências de Art Tatum e Bill Evans, mas com um estilo muito pessoal e inspirado, que inclui a utilização de sintetizadores. A obra principal do disco é sua composição "A Missa Negra", uma empolgante incursão nos ritmos cubanos e nas novas harmonias que estão sendo elaboradas há muito tempo na Ilha não há nada semelhante na música que até então conhecíamos como "cuban-music" ou "música latina". O conjunto mergulha fundo nas raízes negras cubanas e toca ainda um Adágio (do concerto para clarineta de Mozart) que pode, paradoxalmente, ser a síntese da música do Irakere: absorção das influências do jazz, da música cubana e da música clássica européia, incluindo, evidentemente, um grande virtuosismo dos músicos — todos eles dominam como mestres seus instrumentos.

A grande maioria das gravações de Irakere foi feita para a Egren, a

gravadora oficial cubana. Temos a esperança de que um dia poderão ser conhecidos no Brasil, já que podem ser comprados em qualquer país da Europa ou nos Estados Unidos. Há um disco, editado pela Egren que contém um "Selection de Exitos" que abarca os primeiros anos do conjunto, 1973 a 1979. Trata-se de uma ótima iniciação ao som de Irakere. A banda voltaria a gravar (em estúdio dessa vez) novo disco para a CBS "Irakere 2", ainda com Paquito de Rivera que em 1980 emigraria para os Estados Unidos onde prossegue uma carreira solo; e com o extraordinário Arturo Sandoval, que agora tem seu próprio conjunto, com o qual excursiona com freqüência para a Europa, Ásia e Estados Unidos. O terceiro disco de Irakere conhecido fora de Cuba é "El Coco" gravado no Japão pela Victor em excelente digital mas já sem Paquito, substituído por German Velazco. O disco foi distribuído nos Estados Unidos pela Milestone, em 1982, que já havia lançado "Chekeré Son" em 1981, também com a formação inicial do Irakere incluindo Paquito e Sandoval. Essa formação me parece a melhor que a banda já teve. Mas o núcleo inicial de grandes músicos mantém-se até hoje. Veremos, em Brasília, alguns músicos que tocam juntos há quase vinte anos: Chucho Valdés (teclados, arranjos, maestro) Oscar Valdés (voz, percussão), Carlos Emilio Morales (guitarra) Jorge Varona (trompete) Henrique Plá (bateria) e Carlos del Puerto (baixo) — todos da primeira formação de Irakere e ainda, Orlando Valle (teclados e flauta) César Lopes (sax alto e soprano), Manuel Machado (trompete) Juan Munguia e Miguel Díaz.

